

TOQUE ORFEÔNICO

trago dos fundos a verdade órfica
do fundo das taças trago
a verdade mais líquida
a mais báquica
a mais alheia às minhas bocas terrenas

eu sei dos devaneios que costuram mundos
eu sei das tramas que aprisionam versos
dos elos dos desejos eu sei,
dos consolos dos sozinhos também sei
e quantos

eu sei dos brilhantes e dos banhistas e das anarquias
que do próprio brilho ou do impróprio banho
retiram o gozo de corpos que se traem em sacrifício
eu sei das cédulas que endividam intenções
e delas a mais vil mais insensata eu sei
e da fleuma incendiária da palavra também sei

é preciso ousar o desabraço
que meu desejo é porta destravada
é saraiva desvairada é um sustenido
que o toque orfeônico devassa
na clave da palavra libertina
no reverso maior das redondilhas
no anverso confesso das minhas partituras

eu sei o preço da gratuidade

eu sei a altura do mergulho órfico

a fragilidade do diamante eu sei

e quanto sei do que há de vulnerável no que é eterno

o que eu trago, no fundo, são profanos ritos

que as primícias da minha pena exoneram

das mais sólidas raízes mais arcaicas mais matrizes

às palavras mais alheias

que minha boca de profeta degenera

LÍRICA